

A RODA GINÁSTICA NO CLUBE ALEMÃO BAYER LEVERKUSEN

Rafaela Guerra Segalla Alves Rodrigues *

Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto **

RESUMO

Criada no final da década de 1920 na Alemanha, a Roda Ginástica consiste numa modalidade desportiva que possibilita uma série de evoluções corporais com uso de uma roda metálica. O presente estudo apresenta o projeto de Roda Ginástica (Alemã) desenvolvido no clube Bayer Leverkusen na Alemanha, um dos mais importantes no contexto internacional, destacando sua estrutura organizacional, profissionais envolvidos, metodologia empregada, entre outros aspectos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, que incluiu uma entrevista em profundidade com a treinadora principal, bem como a observação direta intensiva das atividades realizadas na referida instituição. Embora aconteça num dos principais clubes do mundo neste desporto, com excelente infraestrutura física e equipamentos, observamos um típico projeto de esporte amador, com dedicação parcial dos treinadores, importância voluntária, escassa sistematização pedagógica, corresponsabilidade dos atletas mais experientes nos treinos e com metodologia e conteúdo similar para todas as faixas etárias.

Palavras-chaves: Roda Alemã, Pedagogia, Metodologia de ensino.

INTRODUÇÃO

A Roda Ginástica, ou Roda Alemã (Rhönräd, em alemão), consiste num aparelho de origem alemã criado no final da década de 1920 pelo ferroviário Otto Feick, que buscou reproduzir uma lembrança que tinha da sua infância, quando descia um barranco com dois anéis de barril fortemente unidos com barras transversais. Desde então, muitas mudanças aconteceram até à oficialização dessa prática como modalidade esportiva, principalmente na Europa, assim como surgiram possibilidades de apresentações artísticas, especialmente de circo (BUSSE, 1991).

Do ponto de vista material, a modalidade emprega uma roda metálica composta por dois aros de aço tubulares cobertos com material sintético (PVC) e unidos por seis barras de metal. Dessas barras, as duas superiores possuem uma alça cada, as duas inferiores, uma prancha de madeira, com espaço para colocar faixas que seguram os pés, e as duas medianas são lisas. Além disso, há mais duas alças internas na parte superior de cada aro. O aparelho pode ser encontrado em diferentes tamanhos, que variam em seu diâmetro de cinco em cinco centímetros. O seu peso é aproximadamente de quarenta quilos, variando conforme seu tamanho e a liga metálica usada na sua fabricação. Portanto, cada ginasta deve utilizar uma roda específica para a sua altura (TEIXEIRA-PINTO; RODRIGUES; MORALES, 2010).

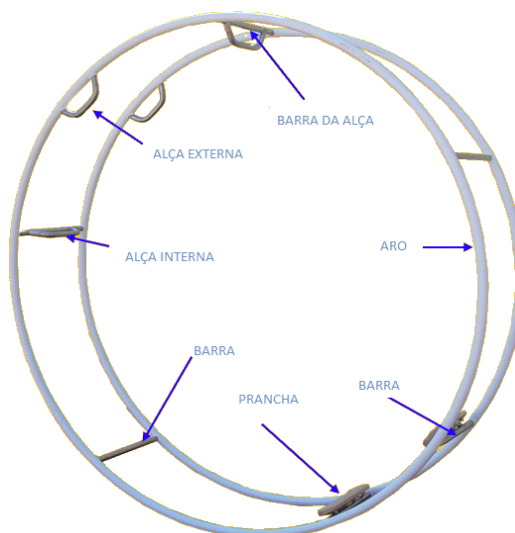


Figura 1 – Estrutura da Roda Ginástica

Por outro lado, a consolidação da Roda Ginástica como uma modalidade esportiva é algo recente, atestada, sobretudo, pela fundação da Associação Internacional de Roda Ginástica (IRV) em 1995. O aumento da popularidade da modalidade fica patente no discurso de Henning Henningsen, relações-públicas da Federação Internacional de Rodas Ginásticas, quando ressalta que existem 232 clubes federados e 6.000 ginastas vinculados. Outro dado que demonstra esse crescimento refere-se ao Campeonato do Mundo de 2011, realizado em Arnsberg (Alemanha), que contou com a participação de 98 ginastas de 15 países, com um público aproximadamente de 2.000 pessoas (<www.rr-wm2011.de>. Acesso em: 30 abr. 2011).

Atualmente, podemos observar a prática da Roda Ginástica em diversos países, entre eles a Holanda, a Bélgica, a Suíça, a Espanha, Israel, a Noruega, a Finlândia, a Suécia, a Inglaterra, a Áustria, a Coreia, a Itália, Portugal, a Argentina, o Japão, a China, a Austrália, o Canadá, os Estados Unidos e o Brasil. Entretanto, no Brasil a prática ainda é incipiente e restrita a poucos locais.

Como esporte competitivo, a Roda Ginástica tem sua prática e competição divididas em disciplinas (ou modalidades), cada uma delas com características específicas. Como destacamos na tabela abaixo, a prática se divide em três submodalidades: linha-reta, espiral e salto.

Segundo Samuelson (2005), existem ainda, nos campeonatos alemães, as disciplinas de dupla e Roda Ginástica sincronizada, embora o número de participantes seja pequeno nessas duas variações. Entretanto, essas formas de movimentação são vistas com mais frequência em apresentações artísticas e espetáculos de Roda Ginástica.

As competições internacionais acontecem em quatro categorias, considerando a faixa etária e o sexo do participante: júnior, masculino e feminino (14 a 18 anos), sênior, e masculino e feminino (acima de 19 anos), sendo que a participação pode ser individual ou por equipe.

SUBMODALIDADES	GRUPOS DE EXERCÍCIOS
<p><u>LINHA-RETA</u></p> <p>A Roda Ginástica é colocada em movimento nos dois aros, rodando de um lado para o outro. O ginasta fica dentro da Roda com ou sem os pés presos. Por meio da transferência de peso, tem a possibilidade de diminuir ou aumentar sua velocidade.</p>	<p><u>CENTRALIZADOS</u></p> <p>O centro de massa do ginasta localiza-se próximo ao centro da Roda, e ele realiza suas evoluções em diferentes posições, como pontes, rotações laterais, frontais, voo livre (sem as mãos), etc.</p>
	<p><u>DESCENTRALIZADOS</u></p> <p>O centro de massa do ginasta localiza-se próximo aos aros. Assim, ele pode realizar suas evoluções utilizando as barras em diferentes posições.</p>
<p><u>ESPIRAL</u></p> <p>A Roda é colocada em movimento apenas em um dos aros, realizando-se uma trajetória circular. O movimento da Roda é semelhante ao de uma moeda caindo no chão.</p>	<p><u>GRANDE</u></p> <p>Caracterizado por formar entre a Roda e o solo um ângulo aproximado de 60°.</p>
	<p><u>PEQUENO</u></p> <p>Forma entre a Roda e o solo um ângulo de 30°. Como o ângulo é menor do que o do espiral grande, aumenta a inclinação do corpo do ginasta e é necessário que ele utilize mais força na realização desse exercício.</p>
<p><u>SALTO</u></p> <p>O ginasta, em pé entre as alças internas dentro da Roda, coloca-a em movimento. Para isso, dá um passo à frente, une as pernas, abaixa-se à posição de cócoras e a impulsiona. Em seguida, corre atrás da Roda e realiza um salto subindo nela, no ápice do aparelho, devendo impulsioná-la com as mãos ou os pés e realizando a última fase (fase de voo), que pode conter ou não conter acrobacias. A aterrissagem do salto é realizada sobre um colchão. Nessa disciplina, os exercícios não são divididos em dois grupos.</p>	

Tabela 1 – Submodalidades competitivas da Roda Ginástica (Adaptada de RODRIGUES, 2011)

No contexto nacional, segundo Teixeira-Pinto (2005, p. 14), existem dois registros da Roda Ginástica no Brasil durante a década de 1940. O primeiro foi relatado por Fiorin (2002), a partir da entrevista realizada com o Professor Pedro Stucchi Sobrinho, que descreveu uma vivência pessoal com a Roda Ginástica. A autora apresenta ainda duas fotos da Roda Ginástica em que Pedro Stucchi aparece acompanhado (na primeira) e sozinho (na segunda) (FIORIN, 2002, p. 15). Segundo o entrevistado, as fotografias foram tiradas na Universidade de São Paulo (USP) por volta de 1943. A pesquisadora relata, ademais, não ter obtido informações complementares sobre o que aconteceu com a referida Roda Ginástica posteriormente.

O segundo registro dessa prática, também da década de 1940, aparece na capa da Revista Brasileira de Educação Física, Ano II, n. 16, de abril de 1945. “Nesta revista há uma fotografia tirada no Minas Tênis Clube (Belo Horizonte – MG) e nela quatro homens seguram uma Roda Ginástica e um outro homem faz uma parada de mãos sobre a mesma” (TEIXEIRA-PINTO, 2005, p. 14).

Estima-se que a Roda Ginástica só tenha reaparecido no estado de São Paulo – mais especificamente na cidade de Campinas – em agosto de 2001, por ocasião do 1.º Fórum Internacional de Ginástica Geral, realizado numa parceria do Sesc (Serviço Social do Comércio) e da Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF). Durante o evento, o grupo alemão *Internationaler Rhoenradturn Verband* realizou apresentações e ministrou cursos e oficinas com cinco Rodas Ginásticas trazidas de seu país (PAOLIELLO; AYOUB, 2001).

Nessa oportunidade, a FEF-Unicamp adquiriu duas das rodas, e com elas iniciou-se um trabalho na modalidade. Após mais de uma década, a universidade passou a ser uma referência no âmbito nacional, realizando apresentações e diversos cursos de formação, além de manter um projeto de extensão por meio do qual novos adeptos tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar este desporto. É por isso que, segundo Teixeira-Pinto, Rodrigues e Morales (2010, p. 139), “a Unicamp é uma das precursoras no desenvolvimento de um trabalho com a Roda Alemã”, especialmente no que tange aos princípios pedagógicos específicos.

Apesar de estar presente no cenário nacional há mais de uma década, tanto a prática quanto a produção acadêmico-científica sobre a Roda Ginástica são ainda restritas e pouco conhecidas. Foi por este motivo que buscamos, a partir deste trabalho, descrever e analisar o projeto de Roda Ginástica desenvolvido no Clube Bayer Leverkusen da Alemanha, um dos principais referentes no âmbito internacional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenvolvemos a presente investigação a partir do modelo descritivo-exploratório, que tem como “[...] premissa que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetivas e completas” (THOMAS; NELSON, 2002, p. 280). Essa perspectiva de pesquisa nos possibilitou uma análise contextualizada, isto é, a observação do fenômeno na sua totalidade, considerando a subjetividade inerente e principalmente a percepção do pesquisador. Deste modo, uma das principais características do estudo foi a obtenção de dados mediante o contato direto e interativo do pesquisador com o seu objeto de estudo, conforme veremos mais à frente.

Realizamos a pesquisa de campo por meio de uma entrevista semiestruturada com a treinadora responsável da modalidade no clube Bayer Leverkus-

sen desde 1985, Sra. Ines Meurer, especialista que, além de ser uma renomada especialista internacional, é, desde 2005, responsável pela Seleção Nacional de seu país. Como critério de seleção, adotamos o de “Notoriedade Profissional”, que caracteriza *experts* segundo sua ampla e consolidada formação, suas conquistas desportivas, a importância do local de trabalho/atuação, a experiência na área, o reconhecimento internacional, bem como o reconhecimento dos pares.

A treinadora mencionada começou a praticar Roda Ginástica aos 11 anos, em 1979. Aos 16 anos, tornou-se treinadora da modalidade, e desde 2005 é a técnica da Seleção Nacional, tendo conquistado vários títulos, entre eles por três vezes o de campeã mundial nas submodalidades linha-reta e espiral, por duas vezes o de campeã mundial, e uma vez o de vice-campeã por equipe.

Realizamos ainda a observação direta e intensiva (participante), técnica esta que se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado com o intuito de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto. Esse procedimento foi fundamental para o presente estudo, pois, como relembra Minayo (1994, p. 59), permitiu “captar diversas situações e/ou fenômenos não obtidos por meio de perguntas, já que, quando observados diretamente, em sua própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real”.

Realizamos a observação nas dependências do Clube Bayer Leverkusen durante o mês de janeiro de 2011, na cidade de Leverkusen, Alemanha. Cabe ressaltar que o clube estudado é o maior expoente da modalidade naquele país, e, portanto, um privilegiado espaço de formação de novos treinadores, local de treino de destacados desportistas e também um referente na difusão da modalidade internacionalmente (RODRIGUES, 2011).

A RODA GINÁSTICA NO CLUBE BAYER LEVERKUSEN

O clube desportivo TSV Bayer 04 Leverkusen representa a fusão realizada em 1984 entre a Associação Desportiva Bayer 04 Leverkusen e o Clube Bayer 04 Leverkusen. Atualmente, o clube possui cerca de 10.000 membros/sócios (informação atualizada em janeiro 2012) que usufruem dos 13 departamentos ou áreas existentes, que abarcam desde o desporto recreacional até o profissional.

A principal característica da concepção clubística na Alemanha não inclui necessariamente a existência de um espaço físico determinado, ou melhor, de uma sede própria, mas sim uma atividade de associativismo, gerada a partir do interesse comum dos indivíduos e numa ação coletiva. Dessa forma, o clube se caracteriza por um grupo de pessoas que, a partir do objetivo de viabilizar maior acesso e possibilitar ações referentes àquele interesse comum, constituem um clube sem necessariamente contar com um local definido para as suas práticas ou uma sede própria. Evidentemente, o Bayer Leverkusen possui uma

suntuosa sede própria, embora também estenda suas atividades para além desta sede.

No que se refere às atividades de Roda Ginástica, mais especificamente, o clube informa de modo claro a seus sócios que as atividades oferecidas correspondem ao treino desportivo de competição. Neste contexto, o treinamento das crianças tem duração de 2 horas e acontece 3 vezes na semana: às terças e quintas-feiras à noite e aos domingos de manhã. São em média de 15 a 25 crianças. Normalmente participam do treino as quatro técnicas contratadas do clube, assim como alguns voluntários, atletas e ex-atletas de Roda Ginástica do próprio clube.

As aulas são divididas em um alongamento e um aquecimento (o aquecimento é realizado com uma brincadeira dirigida, e o alongamento é direcionado pela técnica), com duração aproximadamente de 30 minutos, seguidos de uma hora, aproximadamente, da submodalidade linha reta, em que se treinam elementos constituintes de uma série. Quem já consegue, executa a série completa, e, por fim, 30 minutos, aproximadamente, de condicionamento físico e/ou de atividades no ginásio de ginástica artística.

O treino dos adolescentes (12 a 16 anos) também tem duração de 2 horas, sendo 4 encontros semanais, às terças e quintas-feiras à noite, logo após o treino das crianças, e aos sábados e domingos na hora do almoço. Participam das sessões uma média de 15 a 20 adolescentes, alguns deles provenientes de outras cidades, pois, conforme já informamos, o clube é um dos melhores – senão o melhor – da Alemanha. Durante os treinos, observamos a presença de um ou dois dos técnicos responsáveis em sistema de rodízio. Alguns dos atletas mais experientes, particularmente os adultos, auxiliam voluntariamente nas atividades.

A sessão de treino dos adolescentes segue o mesmo padrão do treino das crianças, isto é, um aquecimento/alongamento com duração de 20 minutos, realizado pelos atletas sem supervisão direta (normalmente uma corrida leve seguida de alongamento). Os adolescentes treinam também a submodalidade espiral de 40 a 50 minutos, seguidos de mais 40 a 50 minutos da submodalidade linha-reta. No final da sessão, realizam aproximadamente 20 minutos de condicionamento físico.

O treinamento dos adultos (acima de 16 anos), assim como o dos adolescentes, tem duração de 2 horas, 4 vezes por semana, às terças e quintas-feiras à noite, e aos sábados e domingos após o horário de treino dos adolescentes. Apenas uma das técnicas está presente nos treinos, e é comum que os atletas auxiliem uns aos outros. É bastante comum a presença de atletas que viajam por muitas horas para participar dos treinamentos, buscando ampliar o rendimento competitivo, uma vez que muitos dos membros da equipe nacional, além da treinadora, treinam no clube. Para exemplificar esta situação, podemos mencionar o caso de uma atleta que vinha da Suíça todos os finais de semana para treinar no clube.

Diferentemente dos grupos anteriores, o treino dos adultos não tem uma organização definida. Cada atleta realiza o seu próprio aquecimento com uma corrida leve aproximadamente de 10 minutos seguida de um alongamento. Normalmente se inicia o treino com a submodalidade espiral, passando para a linha-reta, em seguida. Entretanto, cada atleta organiza o seu treino da maneira que achar adequada. Assim, o sistema permite que um atleta com mais dificuldades na modalidade de linha-reta possa passar o treino inteiro nessa submodalidade, por exemplo. Como o salto é uma submodalidade obrigatória nas competições, algumas vezes é dedicada uma parte do treino a ela, mas em comparação às outras o tempo dedicado é bem menor.

Além dos treinos específicos de Roda Ginástica, os atletas da categoria adulta também se encontram às segundas-feiras no ginásio de Ginástica Artística (GA) para uma sessão extra nos aparelhos de GA, sob a tutela de uma das técnicas de roda. Todos, ademais, realizam sessões de fortalecimento muscular (musculação) na academia do clube em horários individualizados (livres).

Desse modo, vemos que os treinos no Clube Bayer Leverkusen acontecem basicamente no período da noite e aos finais de semana, principalmente porque os técnicos trabalham durante o dia em outros empregos, como veremos mais adiante. Isso significa que, apesar de a Alemanha ser o país de origem da modalidade e de estar em um nível de organização e rendimento competitivo superior, alguns desportos ainda se encontram em estado amador, muito distantes da realidade do esporte profissional. Este fato pode ser observado dentro do próprio clube, que investe muito mais em outras modalidades, como no futebol, situação similar à observada no Brasil com a maior parte dos esportes amadores e de menor visibilidade.

Em consequência da realidade apontada anteriormente, os técnicos não podem se dedicar ao esporte e ao preparo das aulas como gostariam, já que não possuem as condições necessárias para isso. É fato que nossa entrevistada, Ines Meurer, tem consciência de que se tivesse mais tempo para dedicar ao preparo dos treinos os resultados seriam bem melhores:

Eu sei que deveria preparar um treino específico para cada ginasta e quando consigo faço isso, mas por causa do trabalho, não é sempre que tenho tempo para isso. Quando consigo planejar, colocar no papel as coisas que cada atleta precisa treinar os resultados são melhores (Ines Meurer).

De um modo geral, observamos também que não existe uma diferenciação entre o treino das crianças e dos adultos. Não foi possível identificar uma preocupação especial com a iniciação esportiva nem com a elaboração de um treino voltado especificamente para as crianças. Assim, tanto no aspecto técnico quanto no formato da sessão de treinamento, são os adultos (mais experientes e “donos” dos melhores resultados esportivos) os referentes a serem seguidos.

OS TÉCNICOS DE RODA GINÁSTICA

Para ser técnico de Roda Ginástica na Alemanha não é preciso possuir um diploma de curso superior em Educação Física, como no caso do Brasil, mas há necessidade de concluir um curso técnico oferecido pela federação nacional de ginástica (Deutscher Turner-Bund – DTB – <<http://www.dtb-online.de>>. Acesso em: 16 dez. 2012). O único requisito é ter 18 anos ou mais. No caso da Roda Ginástica, o curso tem duração de 6 finais de semana, com aulas aos sábados e domingos (20 a 30 horas de aula em cada final de semana). A carga horária total é de 150 horas. Ao término do curso, cada participante recebe uma credencial de “Técnico de Roda Ginástica” (DTB, 2012).

No clube Bayer Leverkusen, há quatro técnicos contratados, embora nenhum deles possua uma carga horária nem mesmo horários de trabalho determinados. De um modo bastante autônomo, estes profissionais organizam-se da forma como mais lhes convém, podendo alterar os horários dos treinos em função de suas disponibilidades e de outros fatores. Assim, tivemos a oportunidade de observar sessões nas quais os quatro técnicos atuavam ao mesmo tempo, e outras em que apenas um estava presente. Essa flexibilidade no horário laboral revela, por outra parte, certa precariedade, uma vez que os técnicos repartem entre si uma única quota (valor), paga pelo clube mensalmente. Segundo nossa entrevistada, que é a coordenadora da modalidade no clube, trata-se de uma quantia simbólica, ou melhor, uma “ajuda de custo”.

Em consequência, os técnicos mantêm outros empregos visando garantir seu sustento, tendo assim a Roda como uma atividade paralela, quase como um *hobby*. A coordenadora e técnica principal, por exemplo, trabalha 40 horas semanais em uma empresa de equipamentos médicos, dedicando ainda aproximadamente 30 horas semanais no clube. Logo,

Como a Roda Ginástica não é um esporte olímpico, ninguém consegue viver só dela, precisa de outro emprego para pagar as contas do mês. E o trabalho com a Roda é feito por amor, é praticamente um trabalho voluntário. Também não conseguimos patrocínio ou qualquer tipo de ajuda do governo. Dependemos só de nós mesmos, atualmente, conseguimos que o clube pague ao menos as inscrições em competições, pois antigamente até isso era pago pelos ginastas (Ines Meurer).

Por outro lado, os técnicos ensinam seus “atletas” desde muito cedo que para o esporte se desenvolver é necessário ajuda e dedicação de todos, mais do que salários e outras recompensas. Por isso, pudemos notar, no decorrer dos treinos, que um dos fundamentos metodológicos consiste em que todos devem ajudar-se mutuamente, mesmo na presença do técnico. Dessa forma, na aula das crianças os adolescentes da categoria 12 a 16 anos ajudam como se fossem seus professores-auxiliares; já nas aulas dos adolescentes, os adultos assumem esta responsabilidade. Essa iteração intergeracional nos parece um aspecto importantíssimo da pedagogia adotada na instituição em questão.

A ação de ajudar os companheiros nas aulas, bem como outras de natureza voluntária, revelaram-se fazer parte de um conjunto de ações de interesse social e comunitário em que toda atividade desempenhada reverte em favor do coletivo. Elas acontecem sem nenhum tipo de remuneração nem outro benefício “aparente”, a não ser a melhora na aprendizagem e a manutenção da modalidade.

Esta característica não é algo isolado nem fortuito. Na Europa, de forma geral, e na Alemanha, de modo particular, o voluntariado aparece como uma característica marcante e cada vez mais presente, e na prática da Roda Ginástica observamos a mesma tendência (DTB, ODT, 1994, p. 88-89). Podemos perceber que desde cedo as crianças são incentivadas a ajudar e realizar tarefas sem um retorno imediato. O voluntário ajuda a quem precisa, contribuindo para um mundo mais equilibrado e mais solidário. É nisso que acredita a técnica Ines Meurer ao discorrer sobre a importância de os mais velhos aprenderem a ajudar aos mais novos, e todos contribuírem para o desenvolvimento da modalidade:

Nós não temos o apoio necessário para que a modalidade se desenvolva da forma como gostaríamos, se todos não ajudarem a Roda Ginástica pode acabar. Portanto é fundamental que desde cedo as crianças entendam que o importante não é apenas vir aqui e treinar sua série, tem que olhar ao redor, ver quem está precisando de ajuda, porque uma hora será aquela criança que também precisará de ajuda. Nós não estamos sozinhos no mundo e apesar da Roda ser uma modalidade individual, não conseguimos avanço nenhum sem a ajuda de outras pessoas. Não é fácil, com os pequenos. Temos que ficar mais em cima, incentivando a ajudar, mostrando o que fazer e como fazer, mas com o tempo eles compreendem a importância e passam a tomar essas atitudes sozinhos, sem termos que ficar cobrando. Os adultos se revezam e apesar dos compromissos com trabalho, vida familiar, etc. sempre estão aqui ajudando no treino das crianças, só assim, conseguimos fazer com que a Roda Ginástica se desenvolva. E o mais importante é que isso eles levam para a vida deles e se tornam pessoas melhores (Ines Meurer).

De forma geral, percebemos que a preparação dos técnicos não acontece apenas no curso de formação oferecido pela DTB de Roda Ginástica, mas funda-se num processo contínuo e prolongado, que tem início desde os primeiros contatos com o esporte. Entretanto, devemos ressaltar que essa ação pedagógica-voluntária acontece sem um amplo subsídio teórico, e que pauta-se essencialmente na reprodução dos modelos utilizados pelos técnicos mais experientes, fazendo disso um processo de réplica de “geração em geração” a partir de suas experiências empíricas (modelo *endógeno-tradicional*).

Em suma, o que os alunos aprenderam com seus técnicos é repassado para seus futuros alunos, seguindo a tradição, como nos confirmou nossa entrevistada. No Brasil, os trabalhos realizados por Teixeira-Pinto (2005) e Moraes (2011) apresentam debates importantes sobre outras possibilidades para o ensino da modalidade, mais próximas às perspectivas pedagógicas aqui vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um costume ou uma prática de determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm significados próprios que o justificam no âmbito do grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente (DAOLIO, 2007, p. 100).

Entendemos que a Roda Ginástica apresenta algumas especificidades, como a necessidade de um equipamento adequado ao tamanho de cada praticante, por exemplo, fato que tem dificultado sua difusão no cenário nacional. Para que o praticante consiga realizar os exercícios de forma adequada, é necessário que utilize uma roda de diâmetro aproximadamente com 40 a 50 centímetros maior que sua estatura. Logo, este também pode ser considerado um fator pedagógico limitante, avaliando o custo do equipamento, a dificuldade de encontrar fornecedores e de oferecer formação para que os profissionais possam desenvolver suas propostas metodológicas. No caso analisado, essas dificuldades não foram observadas.

Como vimos, outra especificidade é a necessidade de um local adequado para realização da atividade, ou seja, um espaço amplo, plano, que possibilite pelo menos duas voltas completas da roda (aproximadamente 20 metros). Além disso, o piso deve ser liso, ou seja, sem buracos nem desníveis, para não danificar a estrutura do aparelho, caso contrário pode diminuir a durabilidade do equipamento bem como acarretar elevados custos de manutenção. Essas, entre outras questões, também contribuem para limitar a difusão da prática da Roda Ginástica no Brasil, principalmente como modalidade esportiva. Entretanto, como prática demonstrativa e, sobretudo, como prática educativa e formativa, ela apresenta-se como uma nova opção para a Educação Física brasileira (TEIXEIRA-PINTO; RODRIGUES; MORALES, 2010). Outra vez, observamos que no clube alemão as questões espaciais não representam um problema.

Por outro lado, depois de analisarmos a proposta pedagógica do referido clube, entendemos que a realidade brasileira demanda – seja por sua particularidade cultural, ou mesmo pelos princípios educacionais – o desenvolvimento de uma pedagogia contemporânea dos esportes, como sugerem Paes (2006) e Balbino (2005), por exemplo. Assim sendo, os professores devem atentar para outros modelos pedagógicos para além da reprodução dos modelos já conhecidos e consolidados (da tradição), buscando adequar as expectativas dos alunos e das instituições às teorias e processos próprios da pedagogia dos esportes contemporânea.

Embora nosso estudo não tenha tido o objetivo principal de fazer uma análise crítica da proposta pedagógica, muito menos realizar juízo de valor acerca do método pedagógico empregado no clube Bayer Leverkusen, busca-

mos apontar, sempre que possível e pertinente, outros caminhos pedagógicos que podem ser adotados a partir dos referenciais teóricos que pautam a Pedagogia do Esporte brasileira.

Vimos ainda que, ao contrário do que imaginávamos no princípio, a Roda Ginástica continua sendo um esporte amador na Alemanha, embora seja notável a melhor organização da modalidade naquele país (da formação às competições; do acesso ao material aos espaços disponíveis pra treinamento). Assim, na Alemanha, assim como no Brasil, ainda estamos diante de uma atividade voluntária cuja formação é majoritariamente técnica, fundamentada essencialmente na experiência empírica e na reprodução de modelos (pedagógicos, técnicos, didáticos, ...) consolidados e com muitas limitações que precisam ser superadas. Assim, pois, nossas observações confirmam as análises realizadas por Samuelsen (2005, p. 5) quando afirma:

Mesmo que a Roda Ginástica esteja conquistando o público, o esporte esteja crescendo e o aparelho esteja sendo usado cada vez mais em espetáculos, os ginastas ainda não são assistidos, não possuem apoio. O interesse da mídia é pequeno e é difícil ganhar dinheiro, fazendo Roda como um esporte. Na maioria das vezes, o ginasta tem que pagar para poder praticar e participar de competições. Isso faz com que a Roda Ginástica ainda seja considerada uma modalidade exótica e não um esporte "real". É muito difícil conseguir patrocinadores, e o ginasta tem que arcar com os custos que não são pagos pelo clube esportivo ou pela federação, que são quase todos. O que gera no ginasta um stress, já que o mesmo tem que trabalhar para arcar com os custos das competições, especialmente aquelas que são em outros países. Atualmente não existe literatura sobre o assunto e a maioria dos ginastas de Roda treinam sem planejamento (tradução livre dos autores).

Cabe destacar que o estudo de Samuelsen (2005), realizado na Faculdade de Esportes da Universidade de Colônia (Alemanha), é um dos poucos disponíveis na literatura, e que o acesso só foi possível por termos contato direto com a pesquisadora responsável.

Por outra parte, ficou evidente a incipiência da sistematização do conhecimento sobre a Roda Ginástica, inclusive na Alemanha. Deste modo, assim como acontece no caso estudado, o processo de ensino-aprendizagem acontece com escassa fundamentação científica, a qual, em nossa opinião, poderia contribuir na formação dos técnicos da modalidade, especialmente nos aspectos didáticos e pedagógicos.

Fica patente, ademais, que um dos alicerces do funcionamento do clube estudado reside na atividade voluntária e colaborativa por parte dos técnicos e também dos participantes (atletas). Esta singularidade atende, ao menos em parte, ao propósito mais amplo do esporte, ou seja, da formação humana (PAES, 2006). Embora comum na Alemanha, esse tipo de prática é raro no Brasil, considerando as imensas necessidades básicas que ainda precisam ser solucionadas para que o voluntariado possa ser mais comum e abrangente.

Vimos ainda como os treinos possuem a mesma estrutura nas diferentes categorias ou faixas etárias (infantil, adolescentes-jovens e adultos), revelando que o modelo empregado com as crianças espelha-se no utilizado com os adultos, fazendo com que desde o início da prática a tradição do método seja assimilada e incorporada por todos os praticantes, independentemente de seu estágio de desenvolvimento, sua capacidade de aprendizagem, suas dificuldades e suas possibilidades individuais, dinâmica que merecerá uma análise mais detalhada em outra ocasião. Na realidade brasileira, parece haver um consenso de que para que o desporto tenha sentido pedagógico, tornando-se mais atrativo e significativo para seus praticantes (DE ROSE Jr.; KORSAKAS, 2006), é necessário que o treino seja elaborado considerando as individualidades e buscando adequação às possibilidades de cada sujeito, seja ele uma criança, seja um jovem, seja um adulto.

Partindo desses pressupostos, entendemos que o fomento da Roda Ginástica no Brasil deve acontecer principalmente como uma nova possibilidade de vivência demonstrativa, para posteriormente, se assim se desejar, tratá-la como um esporte competitivo. Acreditamos que esta modalidade se apresente, sem dúvida, como uma nova possibilidade para a área da Educação Física, como defendem Teixeira-Pinto, Rodrigues e Morales (2010). Contudo, parece-nos que as experiências pedagógicas não devem empregar modelos próprios aos esportes competitivos (de rendimento) em situações em que o objetivo seja a vivência e a introdução desta modalidade. Em suma, importa ao educador brasileiro considerar o aluno um ser pensante, autônomo, criativo e crítico.

REFERÊNCIAS

BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

BUSSE, H. J. *Artistik - Hohe schule der Körperkunst*. Leipzig: Editora Meyer & Meyer, 1991.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DE ROSE Jr., Dante; KORSAKAS, Paula. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DEUTSCHER TURNER-BUND (DTB). **RHOENRAD**. Disponível em: <<http://www.rhoenrad-dtb.de>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

DEUTSCHER TURNER-BUND (DTB), ORGANISATIONSKOMITEE DEUTSCHES TURNFEST (ODT). **Dutsches Turnfest Hamburg 1994**. Limpert, Berlin, 1994.

FIORIN, Cristiane M. **A ginástica em Campinas: suas formas de expressão da década de 20 a década de 70**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2002.

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. INTERNATIONAL RHOENRAD ASSOCIATION (IRV). **IRV: History**. Disponível em: <<http://www.rhoenrad.com>>. Acesso em 10 dez. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORALES, Danilo Ap. **Pedagogia da Roda Ginástica Alemã**. Iniciação científica – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 20, supl. 5, set. 2006.

PAOLIELLO, Elizabeth; AYOUB, Eliana (eds.). **Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Editora Unicamp: Campinas, 2001.

RODRIGUES, Rafaela G. S. A. **Pedagogia da Roda Ginástica: análise da proposta metodológica desenvolvida no clube Bayer Leverkusen na Alemanha**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. UNICAMP, Campinas, 2011.

SAMUELSEN, Lin Verônica. **Wheel gymnastics: history, disciplines, workout plan**. University of Cologne, Germany, 2005.

TEIXEIRA-PINTO, Heber. **Roda Ginástica: Sistematização da Aprendizagem**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2005.

TEIXEIRA-PINTO, H.; RODRIGUES, R. S. A.; MORALES, D. Ap. Roda Alemã. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. vol. 2. Jundiaí – SP: Editora Fontoura, 2010.

THOMAS, Jerry R; NELSON, Jack R. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. ed. Artmed, 2002.

THE WHEEL GYMNASTICS IN THE GERMAN CLUB BAYER LEVERKUSEN

ABSTRACT

Created in the late 20's in German, the Wheel Gymnastics is a sport that enables a variety of corporeal skills by the use of a metal wheel. This study presents the Wheel Gymnastics Project developed at Bayer Leverkusen Club in German, one of the most important club internationally known by its organization structure, professionals, methodology, among others qualities. This is a qualitative research by the use of in-depth interview applied to the main coaches, and a straight and intense observation of the activities developed in this institution was also made. Although this is one of the main clubs in this sport, with excellent facilities and a great availability of devices, the project is about a typical amateur sport because of the partial dedication of coaches, need of voluntary actions, scarce pedagogical systematization, contributions from the most experient athletes and similar contents and methodology for all ages practitioners.

Keywords: Wheel Gymnastics, Pedagogy, Teaching method.

LA RUEDA GIMNASTICIA EN EL CLUB ALEMÁN BAYER LEVERKUSEN

RESUMEN

Inventada en el final de la década de 1920 en Alemania, la Rueda Gimnástica consiste en una modalidad deportiva que permite un conjunto de acciones motrices con el empleo de una rueda metálica. El presente estudio presenta el proyecto de Rueda Gimnástica (Alemana) desarrollado en el club Bayer Leverkusen en Alemania, uno de los más importantes en el contexto internacional, destacando su estructura organizacional, profesionales involucrados, metodología empleada, entre otros aspectos. Metodológicamente, se trata de una investigación de campo de naturaleza cualitativa, que incluyó una entrevista en profundidad con la entrenadora principal, así como la observación directa de las actividades realizadas en dicha institución. Aunque ocurra en uno de los principales clubes del mundo de este deporte, con excelente infraestructura física y equipos, observamos un proyecto típicamente amateur, con dedicación parcial de los entrenadores, importante acción voluntaria, escasa sistematización pedagógica, corresponsabilidad de los deportistas mas experimentados en el entrenamiento y con metodología y contenido similar para todas las franjas de edad.

Palabras-claves: Rueda Alemana, Pedagogía, Metodología de enseñanza.

Endereço para correspondência: rarodrigues@hotmail.com